

MANHÃ

(INÉDITO)

Que esplendor! que vigor! que graça! que harmonia!
 A pulverisação da luz acaricia
 Da floresta viçosa, atletica, possante
 Os frescos vagalhões de verdura fragrante
 Que rolam da montanha em doidas gargalhadas,
 Desgrenhando no azul as jubas inflamadas,
 E inundando de sombra e de força e d'amor
 Os peitos maternas da natureza em flor!
 Dir-se-hia um tropel de gigantes convulsos
 Com tyrsos colossaes nos monstruosos pulsos,
 Um ruidoso tropel de enormes Briareus
 Levantando e agitando os braços para Deus,
 Cheios de luz, de sons, de fremitos, de vida,
 E que, ao verem de longe a campina florida,
 Correm avidamente alegres, como outrora
 Os robustos Teutões de cabellos d'aurora,
 Ao verem com o olhar ingenuo e deslumbrado
 Ao longe a Italia a rir, branca, no azul doirado!

Como isto dá saude, alegre e robustece!
 Um ditirambo d'ouro aqui termina em prece
 E uma oração termina em vermelha canção.
 A Morte não se vê n'esta religião
 Da natureza; aqui tudo resplende e canta,
 Um sepulcro de planta é um berço d'outra planta.
 E a vida é tão profunda e tão fresca e tão forte,
 Que está constantemente eliminando a morte.
 Na floresta não ha nem cruces, nem caveiras.
 Os vermes sepulcraes aqui são trepadeiras,
 A flor não se batiza, o roble não jejua,
 A lampada do sol e a lampada da lua
 Não precisam d'azeite, os frescos arvoredos
 Abraçam-se dizendo adoráveis segredos,
 E casam-se á vontade, a rir, na luz imensa,
 Sem precisar de cura e sem tirar dispensa,
 Porque num dia os rosaes votaram n'um concilio
 Que havia só um papa infalivel: Virgilio!

Que esplendor! que vigor! que amor! que plenitude!
 Eu quero mergulhar o corpo na saude
 Da terra que produz as arvores frondosas!
 Quero aprender a ser vermelho com as rosas!
 Agoas vivas da encosta, a correr, transmitir
 Para o meu coração a frescura que ri
 N'esse vivo cristal! Lirios brancos do monte,
 Vertei-me dentro d'alma e vertei-me na frente
 Essa candura intacta e virgem, de luar!
 Rouxinoes, ensinae-me a chorar e a cantar!
 Abelhas, revelae-me a graça misteriosa
 Com que extrahis o mel do calix d'uma rosa,
 Para eu extrahir puras canções d'amor
 D'uns labios que tambem são como a rosa em flor!

Creanças, vinde rir, brincar, saltar, voar!
 Abri o firmamento azul do vosso olhar,
 Onde cantam não sei que aves do paraíso...
 O aroma do lilaz transforma-se em sorriso
 N'essas bocas em flor, cuja alegria pura
 Borboloteia em nós, como o sol na verdura!
 Para vos ver passar pelo caminho agreste,
 Abre a pervinca em flor o seu olhar celeste...
 D'uma risada nossa, ó creanças vermelhas,
 Fez Deus no mez d'Abril azas para as abelhas!
 Desprende a correr os cabellos doirados,
 Rasgae os aventaes nas sebes dos valados,
 Encharcae-vos d'orvalho, estrelae vos d'amoras,
 Perpassae, colibris! iluminae, auroras!
 Sede um enxame d'ouro a rir pelos caminhos...
 Tendes berço, poupae por conseguinte os ninhos...
 Mas, como os anjos são em Abril salteadores,
 Anjos colhei, cortae aos braçados as flores
 Com que o Amor enfeitou as varzeas e as campinas!

As rosas fel-as Deus para as mãos pequeninas.

E vós noivas gentis, noivas de loiras tranças
 Virgens que já coraes e que inda sois creanças,
 Pombas em cujo seio o amor vae despontar,
 Como um lirio d'aurora em urnas de luar,

Vinde, correi tambem pelas profundas naves
 D'este templo de Deus onde cantam as aves,
 E vestidas de branco e de graça inocente,
 Pombas, deixae cahir religiosamente
 A bençam patriarcal dos ramos da floresta
 No divino esplendor da vossa frente honesta!...

79-81

GUERRA JUNQUEIRO.



PALAVRAS A UM ENFORCADO

(INÉDITO)

Guinchava o carnaval nas ruas da Sodoma
 plantada á beira mar. — N'uma deserta praça,
 suja de lama vil, tremoço, e pós de gomma,
 ecoáva a rouca voz da ébria populaça.

Farroupilhas foliões, mascarados pandilhas,
salsas, végêtes, reis, semsaborões *chéchés*
 — que tinham ao bordel talvez vendido as filhas, —
 rebolavam, cantando, em mil chinfrins cafés.

Era deserta a praça. — As arvores já nuas,
 myrrhadas e espectraes, cobertas de geada,
 eram tambem banaes como essas pulhas ruas,
 sem vida, graça, e flor — como a turba avinhada.

N'uma arvore mais alta, á chuva e á ventaneira,
 baloiçava no ar um tragico Narciso.
 Tinha a lingoa pendente e a negra cabelleira
 cheia de pós tambem... no labio um máo sorriso.

Amarello, da côr dos claustraes pergaminhos,
 jejuára talvez como as magras cadellas,
 soffrêra privações, trilhára máos caminhos...
 — mas tinha botões de ouro e luvas amarellas.

Seu riso era medonho, e as maxillas cavadas
 dos brumosos jejuns faziam um tregeito...
 Tinha as calças em baixo immundas e esgarçadas.
 — Ostentava, porém, uma camelia ao peito.

Especado parei, suspendendo meus passos,
 quasi prompto a chorar, quasi prompto a sorrir,
 d'esse enforcado atroz, dos corvos aos abraços,
 que fazia talvez meditar Shakspeare.

E assim eu lhe bradei á rouca ventaneira,
 e á chuva que molhava os pós dos seus cabellos,
 e ao graniso mordaz que apedrejava a fria
 carcassa do que fôra um dos doudos mais bellos:

«— Quem foste tu, ó filho original de uma éra
 egoista e chatin, um tempo pifio e falso?...
 Ou marquez ou ladrão, tu trepaste como a hera
 do esgoto do lameiro a um banal cadafalso.

«Quem foste tu, inf'liz?... N'uma noute de entrudo,
 empoado e a sorrir depois de larga ceia,
 depois de haver's vendido ou empenhado tudo,
 prefiriste a luz da lua á luz de uma candeia?...

«Mas que ruim luar!... O vento, ás casquinadas,
 zomba de ti, e a lama ennooou-te os botins!
 Tua noiva talvez púla em salas douradas.
 Tuas irmãs, quicá, em salsifrés chinfrins!...

«Quem foste tu, inf'liz?... Foste o esturdio de fama,
 que andaste de *landau* e em trem puxado a quatro,
 e correste a empenhar os máos lençoes da cama,
 para ires de casaca e camelia ao theatro?...

«Ou serias — quem sabe! — o mallogrado artista,
 que procura trepar, com gaudio e gentileza,
 pela escada immoral de um século egoista,
 — sem ter o audaz valor de uma estoica pobreza?...